

A Costureira

— Deves estar mas é maluca! — Raquel estendeu o braço e pegou numa das “minis” que o empregado acabara de trazer à mesa e, sem esperar pelas amigas, deu um grande gole. Depois pousou-a na mesa e estalou a língua satisfeita.

— Porquê? O André é giro, já reparaste nos olhos dele? São azuis e grandes como tu gostas. Tem um corpo jeitoso e é bastante simpático — Maria ajeitava o cabelo negro como alcatrão detrás da orelha enquanto falava.

— Maria, por favor. Não me digas que aquilo é giro. Acaso não tens reparado na cara toda cheia de borbulhas e nos dentes tortos?

— És mesmo esquisita. Por este andar não vais encontrar ninguém, ou então, quando encontrares, vai ser alguém muito mau. Já sabes o que se diz, “quem muito escolhe mal acerta.”

— Deixa-te de tretas, Adriana — retorquiu ela virando-se para a sua outra colega.

As três raparigas estavam sentadas numa mesa a um canto da sala. Gostavam de ficar ali, pois o lugar era mais escuro e ninguém as conseguiria reconhecer a não ser que se aproximasse bastante. Elas, no entanto, podiam visualizar com bastante facilidade o resto da sala, ver quem entrava, quem saía, comentar o vestido feio daquela, apreciar o rabo todo bom daquele. “Passeio” era o nome do bar e era ali que costumavam começar as noites de sábado. Era um lugar calmo e sossegado e não era frequentado por muita gente, apenas alguns grupos de raparigas e de rapazes lá apareciam. Supostamente era um “bar dancing”, mas ninguém nunca ali dançava. A um canto, um enorme ecrã plasma passava um qualquer jogo de futebol e os poucos rapazes que ali havia, encostados ao balcão e de cerveja na mão, faziam comentários de vez em quando, discutindo este ou aquele lance.

“Idiotas”, pensou Raquel, “Só querem é saber de bola”. Sacudiu o cabelo louro, ainda um pouco húmido do duche que tomara antes de sair de casa, puxou um cigarro do maço e acendeu-o, iluminando a mesa por breves instantes. As suas amigas estavam sentadas a seu lado, uma empinava a garrafa de cerveja e a outra escrevia qualquer mensagem no telemóvel, provavelmente para o namorado, suspeitava Raquel. Um apito soou ao pé do balcão breves segundos depois, confirmando o seu palpite. Maria, Adriana e Raquel tinham a mesma idade e eram amigas desde

a infância. Andaram à escola juntas até ao nono ano, depois disso tiveram de se separar, pois não podiam continuar os estudos ali em Barrancos. Maria fora para a escola secundária em Évora, Adriana e Raquel para Moura. Já algum tempo passara desde então, Maria estava agora na universidade em Lisboa, Adriana continuava em Moura pois reprovara no último ano e Raquel, embora tivesse terminado o secundário, não quisera trabalhar mais e agora trabalhava na câmara de Barrancos. Não recebia muito, mas a vida ali não era cara. Ainda por cima morava na casa dos pais, o que facilitava mais as coisas.

Mesmo assim, estando cada uma no seu lado, ainda se juntavam sempre ao fim-de-semana, quando Maria vinha de Lisboa. Era hábito encontrarem-se no “Passeio” para tomar café depois do jantar, beber umas cervejinhas enquanto conversavam e depois iam embora dali para outros bares, sítios onde podiam dançar e divertir-se mais um bocado. Pelo menos assim costumava ser até Maria arranjar namorado, depois disso as coisas tinham-se alterado um pouco, pois a rapariga teimava em passar a maior parte do tempo agarrada ao rapaz. Felizmente, naquela noite, graças ao futebol, ele estava ao balcão, vendo o jogo com os seus amigos. Mesmo assim, enviavam mensagens a toda a hora. “Ele está mesmo ali”, pensou Raquel, “O que é que pode ser tão importante que não possa esperar mais um bocado?” Já lhe dissera isso inúmeras vezes, mas a amiga ficava muito defensiva e naquela noite não tinha disposição para se chatear com ela. Nem queria imaginar como seria durante a semana, quando Maria ia para Lisboa e o João ficava em Barrancos. As mensagens deveriam chover a cada cinco segundos. Por um lado, Raquel compreendia-a. Maria nunca antes tivera uma relação tão séria, apenas namorara com um outro rapaz, e agora que tinha, estava toda entusiasmada. Ela era uma rapariga inteligente sim, mas muito tímida e introvertida, raramente falava com alguém por sua livre e espontânea vontade e escassas eram as suas amigas com exceção daquelas com quem partilhava a mesa naquela noite. Nem mesmo em Lisboa arranjava namorado, na universidade provavelmente haveria centenas de rapazes giros. Ainda por cima, estaria longe do olhar dos pais e de pessoas coscuvilheiras, que naquela terra não eram poucas, sempre dispostas a criticar os outros e a atirarem pedras para os telhados vizinhos sem se aperceberem que os delas eram de vidro.

Raquel, por seu lado, era muito diferente e se fosse ela a estudar em Lisboa já teria andado com uma dezena de rapazes. Ela era um espírito livre, não gostava nada de ficar presa na gaiola

de uma relação. Infelizmente, estava acorrentada àquela terra pelo trabalho que tinha, mas nada lhe agradaria mais que arranjar um emprego noutra sítio qualquer e voar dali para fora, conhecer outros lugares e pessoas, talvez, porque não, ir para o estrangeiro e descobrir o que haveria por esse mundo.

— Pois o João o outro dia contou-me que ele tinha falado em ti — insistiu a amiga.

— Ah sim? E o que foi que ele disse? — perguntou Raquel com ar de gozo enquanto exalava mais uma nuvem de fumo.

— Que ele gostava de te conhecer melhor, que parecias ser uma rapariga muito simpática, mas que por acaso nunca falara contigo. O João disse-me que ele costuma dizer que tens uns olhos lindos e que és a rapariga mais gira de Barrancos — aí Raquel não se aguentou mais e soltou uma sonora gargalhada. O grupo de rapazes dirigiu o olhar na direção da mesa e o dono do bar, sentado numa mesa, de braços cruzados e sem tirar os olhos do jogo, apenas abanou a cabeça em sinal de desaprovação.

— Mas que grande “cromo”.

— Não sejas assim. Talvez devesse conversar com ele um dia, podias perceber se tinham alguma coisa em comum — realmente Maria era bastante insistente.

Isso era algo que a chateava bastante. Que a amiga andasse toda excitada com o seu namoro era uma coisa, outra muito diferente era o que agora andava a tentar fazer. Por alguma estranha razão, desde que namorava com o João, Maria queria que as suas duas amigas tivessem uma relação também. De preferência com alguém do grupo dele, de modo a que pudessem andar sempre todos juntos. Ir a jantares juntos, ir à praia juntos, serem felizes juntos. Provavelmente nessa visão de Maria haveria também corações a flutuar no ar e um arco-íris ao longe, pois aquilo não passava de uma ideia de rapariguinha sonhadora e tola. Quantas vezes já Raquel lhe dissera para a deixar em paz? Ela não queria saber de rapazes, pelo menos não à maneira de Maria. Para ela rapazes eram como pastilha elástica, mastigar enquanto tinham sabor e depois deitar fora. Gostava de se divertir com este e com aquele, mas não queria nada sério, pois na hora que fazia sexo duas ou três vezes perdiam a piada e ia logo procurar outro. Ainda por cima, Raquel era bastante bonita, a maioria dos rapazes daquela terra, não que eles fossem muitos, suspirava por ela de modo que era fácil achar um para se divertir durante uma noite.

— Podias ao menos falar com ele — desta vez era Adriana a insistir e esta, Raquel sabia-o, apenas o fazia para gozar com ela. Achava piada quando Maria lhe tentava empurrar para os braços algum cavaleiro andante, pois pela sua boca, todos os rapazes do grupo do namorado o eram — Não perderias nada em fazer isso. Ainda por cima se não gostasses podias gozar com ele e rebaixá-lo tanto que nunca mais se atreveria a olhar para ti.

— Isso seria cruel. Porque haveria eu de fazer isso? Também não tenho nada contra o rapaz, apenas acho que é feio e um bocado “cromo”.

— Também não é assim tão feio como tu dizes — ripostou Maria.

Realmente aquela rapariga estava a deixá-la transtornada. Parecia que, de alguma forma, não só se apaixonara pelo João, mas também por todos os amigos dele. Para ela todos eram lindos, inteligentes, simpáticos e divertidos, quando para Raquel não passavam de um bando de totós e “cromos”. Na realidade, o João era o único aceitável. Bem, para dizer a verdade era mais do que aceitável. No meio dos outros todos despontava como a flor que cresce entre a erva daninha. Era bonito, tronco musculoso e um sorriso que fazia aquecer o coração das mais incautas. Obviamente Raquel nunca contara à amiga, principalmente porque a via tão apaixonada, mas ela já andara com o João uma noite, algum tempo atrás, antes dele e Maria estarem juntos. Raquel dirigiu o olhar para o grupo de rapazes ao balcão e sorriu, lembrando-se da noite que passaram juntos. Até fora divertido.

— E é bastante inteligente — continuava a amiga a seu lado, debitando todas as qualidades e capacidades do rapaz. Quem a ouvisse julgaria que era o melhor homem no cimo da terra. — Está a estudar direito, ainda vai ter um bom emprego. Seria a maneira de ires viver para fora daqui.

— Sim, sim, estou a ver — Raquel já não lhe estava a prestar atenção. Olhava para o João. O rapaz bebia uma cerveja enquanto conversava animadamente com outro dos seus amigos, provavelmente acerca do jogo, calculava Raquel. Por um breve momento os seus olhares cruzaram-se, ela não estava certa que ele a tivesse visto, pois a mesa estava bastante escura, mas ele sorriu.

— Tenho a certeza que ias gostar dele. Também não perdes nada em tentar, se depois não gostares dele podes deixá-lo. Mas agora dizer que não gostas sem sequer o conheceres é que não — a lamúria de Maria já não se distinguia do som do jogo. Não passava de um “blá blá blá”

misturado com o resto do barulho do bar. “O que pensaria ela se eu me levantasse daqui e beijasse o seu querido namorado?”

“Seria bem feito”, pensou Raquel, “Ela roubou-mo.” E era verdade, como já atrás dissemos, Maria apenas tivera um namorado antes deste. Um rapaz chamado Manuel, que o grupo de amigas conhecera durante o tempo que estudaram na escola secundária. Raquel gostara bastante dele e ele dela, mas nunca tinham chegado a concretizar nada. No entanto, passavam muito tempo juntos, sempre numa espécie de amizade colorida, eram muito íntimos e Raquel chegara a pensar que aquele seria o rapaz com quem ela poderia ter uma relação mais séria, talvez, porque não, passar uma vida inteira com ele. Infelizmente, sem saber como, um dia encontrara-o aos beijos com Maria. A tímida rapariga afinal parecia não ser tão tímida quanto isso. Raquel ficara furiosa na altura. “Pensei que vocês eram só amigos” dissera a amiga. “Ela não sabia que eu gostava dele, mas devia ter calculado.” Raquel desculpara-a, afinal ela não chegara a ter nada com o rapaz, mas bem no fundo do seu coração, a mágoa e ressentimento ainda estavam lá.

— Sabes que mais? — disse enquanto apagava o cigarro no cinzeiro. — Acho que tens razão, acho que vou falar com o rapaz.

— A sério?!— a cara de Maria iluminou-se com um sorriso de orelha a orelha. — Vais mesmo?

— Sim, como disseste, não devo tirar conclusões acerca do rapaz sem sequer o conhecer. Continuo a achar que é feio, mas talvez seja simpático e interessante. Afinal de contas, já tenho andado com muitos rapazes bonitos e ainda nunca deu resultado, talvez com um feio dê.

— Quem te viu e quem te vê — Adriana como sempre, falava com ar de gozo, pegou na sua cerveja e deu mais um gole. — O que te levou a mudar de ideias? Ainda agora estavas a dizer que não, que era feio e mais não sei o quê.

— Não sei, talvez tenha sido o álcool — mentiu. — Ou então foi a seca que a Maria me tem dado durante toda a noite. Já nem a posso ouvir, faço qualquer coisa para que se cale. A sério, o que for preciso — as amigas riram alto atraindo de novo a atenção dos rapazes e do dono do bar.

— Quem te ouça julgará que sou uma chata. Mas fico feliz por finalmente te teres decidido a falar com o rapaz. Vais ver que não me engano e que ele é muito “fixe”. Ainda vais descobrir que ele é o grande amor da tua vida.

“Vai ser “fixe” vai, minha grande cabra”, riu Raquel consigo própria. Já se decidira, ia ensinar uma lição à sua amiga. A lição de que os homens eram todos iguais e que não se podia confiar neles. Depois daquilo Maria nunca mais a chatearia acerca de arranjar namorado, provavelmente nunca mais a chatearia de todo. Ficaria triste por uns tempos, provavelmente nem sequer lhe falaria, mas depois voltaria para ela, como sempre fazia, pois não falava com mais ninguém e não tinha mais amigas. “A culpa será dele. O João é que é o namorado dela, ele tem responsabilidades, não eu.”

— Então prometes? — perguntou Maria acordando-a dos seus pensamentos.

— Prometo? Prometo o quê?

— Que vais falar com ele.

— Sim, sim. Está prometido.

— Lembraste das nossas promessas quando éramos pequenas? — interrompeu Adriana.—
Estávamos a fazer promessas a toda a hora.

— Pois é. Éramos mesmo parvas. Prometes que vais brincar comigo esta tarde, juras que não estás a mentir. Passávamos o dia nisso. Como o tempo passa depressa, parece que ainda ontem passávamos por essa rua a correr para a escola e agora já estamos cá dentro, a beber, a fumar e falar de rapazes para levarmos para a cama.

— Para a cama?! Eu apenas quero que fales com ele, não que o leves para a cama logo na primeira noite — comentou Maria.

— Oh Maria, não podes exigir demais. Já sabes como é, mal me conhecem, todos os rapazes sentem uma enorme necessidade em ir para a cama comigo — as três amigas riram em tom ensurdecido outra vez.

— Lembram-se do dia em que ficamos irmãs de sangue? — perguntou Adriana.

— Epá, já nem me lembrava disso — Raquel levou uma mão à cabeça como se isso a ajudasse a recordar-se.

Muitos anos tinham passado desde esse dia. Que idade teriam elas? Talvez dez ou onze, seria impossível terem mais do que isso. Fora uma tarde de verão, lembrava-se Raquel. As traseiras da casa da avó da Adriana davam para uma rua pouco movimentada, nem sequer passavam lá carros, apenas pessoas a pé, ou naquela altura de burro, em direção aos vários currais que havia nas

proximidades. Como não havia carros, era lá que as três amigas costumavam brincar de tarde, depois de saírem da escola. Numa dessas tardes, Adriana aparecera com um livro antigo que encontrara no velho sótão da avó. Uma coisa velha e poeirenta, de páginas amarelas e quase a desfazerem-se. A rapariga encontrara algo fascinante no livro e vinha toda entusiasmada contar às amigas. No livro, estava escrito um estranho texto, uma espécie de ritual para unir a alma de duas pessoas como se fossem irmãs.

Maria, ao princípio, não gostara nada daquilo, medricas e sempre demasiado cautelosa, não era de admirar. No entanto, depois das duas amigas terem insistido bastante, ela lá consentira em realizar o ritual. Nem sequer era assim nada de muito complicado. Bastava picar o dedo indicador com uma agulha, molharem uma linha de costura no sangue e atá-la com um nó a outra linha molhada no sangue da pessoa com quem se queria unir a alma. O ritual apenas vinha descrito para duas pessoas, mesmo assim, Raquel achou que aquilo que funcionava para duas também funcionaria para três, de maneira que cada uma picou o seu dedo e depois ataram três linhas. Por último e seguindo aquilo que estava escrito no velho livro, espetaram a agulha no meio do nó e incendiaram as linhas com um fósforo. Por fim, e não menos importante, depois das linhas arderem, a agulha devia ser enterrada. As três amigas assim fizeram.

— Éramos mesmo idiotas — repetiu Raquel.

— Tens razão, mas naquela altura acreditava-se nessas coisas fantásticas. Agora já não — disse Maria em tom pensativo. — Estamos na era da tecnologia, não há espaço para feitiçarias e magia. As crianças já nem sequer se assustam com essas histórias que os nossos avós nos contavam. Contos do “homem do saco” e das “pantaralhas”.

— É verdade. Ou mesmo a “costureirinha”.

— A “costureirinha”? — inquiriu Raquel fazendo uma careta. — Essa nunca ouvi.

— A sério? Nunca? Deves ter ouvido só que não te lembras.

— Eu lembro-me — interrompeu Maria. — A história dela até vinha escrita naquele livro do ritual para nos tornarmos irmãs de sangue.

— Exato. A “costureirinha” supostamente era uma mulher muito prendada e que cosia muito bem. Tinha uma máquina muito bonita e com a qual fazia belíssimos bordados — Adriana interrompeu a história enquanto bebia mais um pouco de cerveja. — No entanto um dia ficou

muito doente e fez uma promessa a Nossa Senhora de Fátima, se ficasse boa daria a sua máquina de costura à igreja. E assim foi, com ajuda da santa ou não, a mulher salvou-se das garras da morte, mas como ela ganhava muito dinheiro com as suas costuras, recusou-se a entregar a máquina. Como castigo, quando morreu, já muito velha, a sua alma não pôde entrar no céu e agora vagueia por este mundo, perseguindo aqueles que quebram as suas promessas. A minha avó dizia que a conseguia ouvir às vezes à noite.

— Ouvir? — perguntou Raquel completamente absorvida na história.

— Sim, diz-se que às vezes à noite, consegue-se ouvir a “costureirinha” a trabalhar. Ouve-se o barulho de uma máquina de costura, daquelas antigas de pedal. Há quem diga que dá para ouvir também o cortar de uma tesoura ou uma tesoura a ser pousada na mesa. Os velhos dizem que o mau não é ouvir, mas sim quando ela aparece em sonhos. Dizem que aqueles que sonham com a “costureirinha” ficam com a alma para sempre silenciada. O que quer que isso queira dizer — terminou Raquel. Por momentos o grupo de amigas permaneceu em silêncio, como se nada mais existisse à sua volta, cada uma absorta nos seus próprios pensamentos. Não que Raquel acreditasse naquelas histórias, mas, mesmo assim, não pôde deixar de sentir um arrepio espinha acima que a deixou com pele de galinha.

— Com a alma silenciada? O que é que isso quer dizer? — perguntou.

— Não sei, já disse. Devem ficar sem alma ou assim suponho. Pelo menos é como essas lendas costumam funcionar — e empinou o que restava de cerveja que já não era muito. De seguida levantou-se e pegou na pequena mala ao seu lado. — Então vamos para cima?

— Sim, porque não? Vamos andando — respondeu Maria levantando-se também.

— Eu fico mais um bocado.

— O quê?! — exclamaram as duas amigas em uníssono.

— Então não era suposto eu falar com o rapaz?

— Estavas a falar a sério? — perguntou Maria surpreendida.

— Claro que sim. Para onde vão vocês?

— Devemos ir à “Fornalha”.

— Muito bem, então vocês as duas vão andando que eu depois logo apareço por lá — respondeu Raquel levantando-se e pegando no seu maço de tabaco.

— Ok, como queiras — as três raparigas aproximaram-se do balcão para pagarem o que deviam.

Enquanto o empregado fazia a conta numa máquina de calcular, Maria falou qualquer coisa com o namorado e os dois riram. Raquel por seu lado, retirou mais um cigarro e acendeu-o com o isqueiro. As raparigas pagaram, despediram-se e foram embora. Só Raquel ficou ao balcão, sentou-se num dos bancos de pé alto que havia ali encostados e pediu mais uma cerveja. Por alguns momentos ficou ali calada, a olhar para o jogo de bola que passava na televisão, já não faltava muito para acabar.

— Então, hoje não vais com elas? — perguntou o João aproximando-se dela.

— Não, hoje não me apetece — sorriu enquanto passava os dedos pelo cabelo loiro quais raios de sol num dia de verão. — Ando um bocado cansada, sabes? O trabalho está cada vez mais chato.

— Imagino — respondeu o rapaz. Por trás dele surgiu um dos seus amigos. Era o André, com a cara toda cheia de borbulhas da puberdade. Sorriu, tentando parecer simpático, mas apenas conseguiu mostrar a sua dentição toda torta e mal-arranjada. Raquel revirou os olhos quando o viu.

— Olá, tudo bem?

— Sim, tudo ótimo e contigo? — respondeu a rapariga tentando em vão ocultar o escárnio da sua voz.

— Também, também.

— Então e o teu trabalho como é que vai? — perguntou Raquel virando-se de novo para o João, tentando mostrar ao outro que não era ali bem-vindo.

— Vai bem. É um bocado cansativo, mas ganha-se mais ou menos, não me posso queixar.

Os dois continuaram a conversar durante mais um bocado, com o André a olhar para eles e a sorrir com ar de idiota. Mas por fim, acabou por se aperceber que ninguém lhe estava a ligar nenhuma importância e retirou-se, indo-se juntar aos outros amigos que nem por um instante tiravam os olhos da televisão. A Raquel e o João continuaram a conversar por mais um bocado, os dois terminaram as cervejas que estavam a beber e pediram mais duas, a rapariga acendeu mais um cigarro. Pelo canto do olho viu que o jogo ainda estava empatado e que apenas faltavam dez minutos para terminar.

— Estou farta de estar aqui — disse Raquel por fim. — A Adriana e a tua namorada foram-se embora e deixaram-me a pé. Importas-te de me levar até casa?

— Claro que não — o rapaz sorriu e deu um grande gole na cerveja, acabando-a rapidamente. — Eu levo-te num instante — virou-se para o empregado e pagou as cervejas dele e as da Raquel. — Bem rapaziada, eu vou levar a Raquel até casa e depois vou até à “Fornalha” ter com a Maria. Vemo-nos lá?

— Nós ainda demoramos mais um bocado — respondeu um dos amigos. — Ainda faltam dez minutos para o jogo acabar e depois quero dar um joguinho de *snooker*.

— Ok. Então logo nos vemos quando aparecerem. Até já — e os dois saíram do bar. Subiram para o carro e puseram-se em marcha. Estavam a quase a chegar a casa da Raquel quando o João fez uma curva para a esquerda.

— Então? Onde me levas? — perguntou Raquel com um sorriso nos lábios.

— Espera e verás — respondeu o rapaz sorrindo também. Andaram durante mais um bocado até que por fim pararam. — Lembras-te deste sítio?

— Sim, foi onde estivemos juntos daquela vez — respondeu ela. — Diverti-me muito neste sítio.

— Eu também. Sabes uma coisa? Eu e a Maria ainda não chegámos a fazer nada. Ela diz que ainda não se sente à vontade comigo.

— Oh coitado! — respondeu a rapariga passando-lhe a mão pelo cabelo. — Não sei porquê, eu sinto-me, eu sinto-me muito à vontade — e dizendo isto rolou para cima dele e beijou-o na boca.

Não tardaram muito e os dois já estavam sem roupa, enrolados um no outro, beijando-se e tocando-se. “Sim!” pensou Raquel cheia de prazer, por alguma razão o facto de estar a trair a amiga deixava-a muito excitada. Ali ficaram, no carro, nas aforas da vila, em êxtase durante muito tempo. Quando terminaram, vestiram-se novamente e voltaram à povoação.

— Então não queres vir dançar um pouco? — perguntou ele.

— Não, não me apetece nada. Já te disse que estou cansada e agora ainda mais — sorriram um para o outro. — Deixa-me num sítio qualquer perto de casa.

E foi assim que fizeram, o João parou o carro e ela saiu. Beijou-o uma vez mais pela janela

e depois foi-se embora. “Vai lá ter com a tua menina querida” pensou, “Se estivesses tão satisfeito com ela não terias vindo ter comigo”. Ficou ali no meio da rua durante mais uns momentos, enquanto o carro se afastava rua acima. Abriu a mala, tirou do seu maço e puxou mais um cigarro, levou-o aos lábios vermelhos e carnudos de uma forma quase sensual e acendeu-o, depois começou a caminhar na direção oposta à que o carro tinha seguido. Caminhou lentamente para casa, atirando baforadas de fumo para o ar da noite. No céu, nuvens escuras assombravam a noite, atravessando lentamente o céu sem estrelas. Não se via viva alma na rua e Raquel olhou para o relógio, era quase meia-noite. Não era muito tarde, mas aquela terra também não tinha muita gente e a maioria das pessoas já eram velhas e deitavam-se cedo. A noite estava escura, felizmente uma das nuvens afastou-se um pouco e um pouco da luz da lua atravessou-a. Não se ouvia nada ali, apenas o som dos seus saltos altos a bater nas pedras da calçada e um burro qualquer a zurrar ao longe. Uns quantos cães ladraram em resposta. Raquel olhou para trás, desconfortável, sentia a estranha sensação de que alguém estava a segui-la. Ninguém. Apenas a rua estreita com alguns carros estacionados aqui e ali. Deu mais uma passa no seu cigarro e continuou rua abaixo.

Um pequeno pé de vento levantou-se e gelou-lhe os ossos, deixando-a toda arrepiada. Olhou para o céu e sorriu lembrando-se da conversa que ela tinha tido com as amigas. Realmente naquela terra, àquela hora, sem ninguém nas ruas e com o céu negro como breu, era fácil acreditar nas histórias dos velhos. Ela própria sentiu uma ponta de medo quando o burro ao longe, perdido num dos muitos currais que havia à volta da vila, recomeçou a zurrar inesperadamente. Ali era fácil acreditar em fantasmas, ali era fácil acreditar em lendas. Por alguma razão que nem ela própria conseguia explicar, talvez fosse medo, talvez fosse frio, viu-se a apressar o passo. Estava a sentir-se desconfortável e mal via a hora de chegar a casa. Infelizmente para ela, a sua casa era a última da rua e uma vez lá chegasse estaria sozinha na mesma, pois os seus pais tinham ido de férias para o Algarve.

Por fim chegou a casa e rapidamente tirou as chaves da mala e abriu a porta. “O que é que se passa comigo? Devia estar contente, vinguei-me da Maria. Já estava a ficar farta de sorrir para ela enquanto tinha o coração amargo. Agora estamos quites.” Raquel foi até ao quarto e despiu-se, metendo-se de seguida na cama. Não mentira ao João quando dissera que estava cansada. “Hoje vou dormir muito bem” pensou ela.

No entanto, não foi assim, Raquel ficou ali, na cama, muito tempo, a dar voltas para um lado e para o outro sem maneira alguma do sono vir ter com ela. O tempo foi passando e ela ali ficou, naquele sítio estranho entre o sonho e o mundo real, foi então que ouviu o barulho. Ao princípio muito leve e longínquo, depois, aos poucos foi ficando mais alto, como se se estivesse a aproximar. Uma espécie de “*tec... tec... tec...*”. Primeiro julgou que fossem pássaros ou gatos a correr pelo telhado como era costume. Depois o som desapareceu. De súbito voltou outra vez mais forte. Raquel abriu os olhos. Fosse o que fosse parecia vir de dentro de casa. “Está aqui alguém” um frio gélido percorreu-lhe o corpo ao mesmo tempo que aquela ideia lhe atravessava o pensamento. E outra vez o mesmo som, sem cessar, agora ouvia-o claramente, como se viesse da sala. Sem saber bem porquê, levantou-se e não pôde conter um ligeiro suspiro quando os seus pés descalços tocaram o chão. Estava gelado, todo o quarto estava gelado, não acendeu a luz, mas podia ver vapor de água a espalhar-se a cada respiração. Lentamente, abriu a porta com a maior cautela possível e espreitou para o corredor. Não viu nada, apenas escuridão. Pelo canto do olho pareceu ver uma coisa branca a mover-se à sua esquerda. Olhou mais fixamente, nada. “Estou a ficar maluca. Meu Deus aquela história deixou-me mesmo afetada.” O ruído outra vez, vindo da sala à sua direita. Envolveu-se com os seus próprios braços e avançou, pé ante pé, a tremer, se calhar de medo, se calhar de frio, quiçá de uma mistura de ambos. E o som que não parava “*tec... tec... tec... tec... tec... tec...*”

— Quem está aí?! — gritou ao mesmo tempo que acendia a luz da sala, mas não havia ninguém. Os sofás arranjados, tal como a sua mãe os deixara, a televisão no seu lugar habitual, a mesa ao centro, nada fora do normal. E o som tinha desaparecido. Nada se ouvia, nada se via de estranho. — Devo estar a ficar maluca — apagou a luz e virou-se para voltar para o quarto. De súbito outra vez o som. Mais alto que nunca e mesmo atrás dela. Voltou-se para a acender a luz. — Quem está... — as palavras afogaram-se na garganta.

À sua frente, no meio da ala escura, uma figura sombria debruçava-se sobre uma máquina de costura. Raquel estava de boca escancarada, estarrecida com o medo, sem se conseguir mexer. A custo deu ao interruptor da luz, mas esta não acendeu. A figura estava envolta num manto negro e esfarrapado, deu ao pedal da máquina. “*Tec... tec... tec...*” ouviu-se. A forma negra continuava no seu trabalho, como se não se tivesse apercebido da presença da rapariga. Com uma mão

esquelética e de unhas longas e retorcidas pegou numa tesoura velha e enferrujada que estava na mesa e cortou um bocado do tecido que cosia. Foi então quando reparou que o tecido não era tecido nenhum, Raquel sufocou um grito, aquilo era pele humana. A figura negra levantou-se e virou-se para ela lentamente. Numa mão segurava a pele, na outra uma agulha retorcida com uma linha negra e grossa a pingar sangue. A cabeça da estranha criatura estava coberta com um capuz negro, cabelos grisalhos como cinzas pendiam pela abertura da frente. A rapariga deu alguns passos para trás, aterrorizada, a figura ergueu a cabeça deixando visível o rosto. Mas a verdade é que não tinha rosto, apenas uma caveira branca como cal das paredes e de órbitas vazias se ocultava entre o emaranhado de cabelos cinzentos. A figura ergueu a agulha e atirou-se à rapariga e foi então que Raquel acordou.

O seu coração estava aos saltos, parecia que lhe ia saltar do peito a qualquer momento, a boca sabia-lhe a sangue e por alguma razão doía-lhe bastante. Mas fora isso estava bem. Por alguns momentos pôs-se à escuta. Nada, silêncio total e absoluto, nenhum ruído esquisito. Sentiu-se feliz, nada daquilo acontecera, não passara de um pesadelo, apenas um horrível pesadelo. Levantou-se e foi até à casa de banho. Acendeu a luz e dirigiu-se até à bacia para lavar a cara e nessa altura viu-se ao espelho. O seu coração parou de medo, recuou um ou dois passos a tremer, com lágrimas a brotarem-lhe dos olhos e teria gritado se tivesse conseguido. “Os meus lábios... os meus lindos lábios” foi a última coisa que pensou. Sangue escorria-lhe pelo queixo abaixo, pingando para o chão e os seus lábios, vermelhos e carnudos, estavam cosidos um ao outro com uma grossa linha preta.